MENSAGEIRO

do Menino Jesus de Praga

QUANTO MAIS ME HONRARDES MAIS EU VOS FAVORECEREI ✧ Nº. 208 ✧ SETEMBRO – OUTUBRO 2017 | PVP: 1,50€

EU RENOVO TODAS AS COISAS

MS

MENSAGEIRO
DO MENINO JESUS DE PRAGA
Boletim bimestral
Nº 208 | Setembro-Outubro 2017

Proprietário e Editor
Edições Carmelo
Convento de Avessadas
Apartado 141
4634-909 Marco de Canaveses
NIF: 506 44 1725
www.carmelo.pt
editorial@carmelo.pt
Telf: 255 531 354

Director
Agostinho dos Reis Leal
reitor@carmelo.pt

Colaboradores
Alpoim Portugal, Ana Sofia da Trindade, Benedita Costa, António J. Machado, Delfim Machado, Fr. João Costa, La Salete Coelho, Luís S. Pereira, Renato da Cruz, Teresa P. Valle, Vasco Nuno.

Sede de Redacção
Santuário do Menino Jesus
Apartado 141
4634-909 Marco de Canaveses

Impressão
Sersilito – Maia
Tiragem: 8.500 exemplares
ERC: 116229 ● ISSN: 2183-8127
Depósito Legal nº 68784/93

ASSINATURA ANUAL
Portugal: 7€
Europa: 19€
Resto do Mundo: 30 dls.

As assinaturas podem ser pagas por vale do correio ou cheque para Edições Carmelo. As assinaturas pagas por transferência bancária PT50007900001388059710149 devem enviar o comprovativo.

Serviço de assinaturas
Tel.: 255 531 364
assinaturas@carmelo.pt

Culto no Santuário

MISSAS DOMINICAIS
07:30; 09:00; 11:30.

MISSA CONVENTUAL
Semana 08:00.

CONFISSÕES
De terça-feira a sábado:
08:30 > 11:00.
15:30 > 18:30.

SERVIÇO PEREGRINOS
Antes de partir de sua casa em peregrinação, informe-se no Santuário sob a maneira de ser acolhido: 255 538 150.

Domingo das Bênçãos

BÊNÇÃOS
22 Outubro; 26 Novembro; 24 Dezembro.

PROGRAMA
10:00 Confissões
11:30 Missa com bênçãos

- Mães antes do parto
- Mães depois do parto
- Crianças
- Objectos religiosos
- Veículos (no Parque)

15:00 Recitação da Coroinha e Procissão com o andor do Menino Jesus de Praga, pelos claustros do Convento.

Sumário do Menino

Rebentos viçosos e belos 3
Nossa Senhora de Loreto 4
Deus não precisa de mim..... 5
Rota do românico..... 6
O tesouro escondido..... 8
Rezar a mensagem..... 10
Os túmulos dos pastorinhos . 12
Fátima - os Papas..... 14
Companheiros/as de vida..... 16
Interpelações..... 18
Calem-se as armas..... 20
A viagem para Praga 22
Bodas de ouro 24
Ensina-se a rezar, rezando .. 25
Clube do Menino Jesus..... 26
Deixaram-nos muito de si..... 28
Alguns de muitos..... 29
Graças e promessas 30

Os caminhos do Santuário

GPS:
41º 09' 41.58'' N
8º 10' 38.76'' W

Rebentos viçosos e belos

Nasci nos montes e gosto das "montanhas, dos vales solitários nemorosos, das ínsulas estranhas, dos rios rumorosos, do sibilo dos ventos amorosos", porque, no dizer de São João da Cruz, o Amado "com sua só figura, vestidos os deixou de formosura" (CB 5). Na verdade, "Deus, ao abrir a sua mão, enche de bens todos os seres vivos" (Sl 144, 16). A natureza fala-nos de Deus e São Francisco propõe-nos "reconhecer a natureza como um livro esplêndido onde Deus nos fala e transmite algo da sua beleza e bondade" (LS, 12). Daí, a dor de alma e na alma que me causaram os fogos deste verão. A beleza e a bondade divinas ficaram reduzidas a cinzas, deixando no pranto e na dor homens, mulheres, animais, plantas… Daí o grito: "Senhor de nós/ e dos espaços verdes e belos que habitamos,/ da beleza dos montes/ dos rios e das fontes,/ Senhor do tempo/ e do amor dos corações,/ por que permites que o verde/ se transforme em poeira/ e em veneno o amor,/ que tudo fique tão feio e desfigurado,/ queimado,/ que nem os pássaros encontram poiso e alimento/nem pasto os animais,/ nem os homens alento?" (D. António Couto, bispo de Lamego).

Ao dar um "passeio" pelos montes queimados, ou melhor, ao vaguear desnorteado em oração por tantos quilómetros queimados, e ao contemplar nas mãos as cinzas da beleza e bondade de Deus, pareceu-me ouvir o "Senhor de nós e dos espaços verdes" a perguntar, chorando: "Povo meu? Que te fiz eu? Que mal te causei? Não me dirás?" (Miq 6.3). Na realidade, é o homem que "produz anualmente centenas de milhões de toneladas de resíduos, muitos deles não biodegradáveis: resíduos domésticos e comerciais, detritos de demolições, resíduos clínicos, electrónicos e industriais, resíduos altamente tóxicos e radioactivos. A Terra, nossa casa, parece transformar-se cada vez mais num imenso depósito de lixo" (LS, 21).

Numa paisagem desoladora, sentado nas cinzas, alvejei a uns metros de mim uns rebentos novos, viçosos e belos, que brotavam do seio da terra. Por entre as cinzas renasciam a beleza e a bondade de Deus que ninguém consegue queimar, porque "o Seu amor é para sempre" (Sl 136). Senti-me terra na Terra; vi-me como lixo, fogo e cinzas, pecado e feiura; mas também, naqueles rebentos novos, viçosos e belos, apercebi-me de que "o Senhor de nós e dos espaços verdes" fazia rebentar em mim a sua beleza e bondade. E daqueles rebentos novos parecia-me ouvir o Papa Francisco a rezar: "Deus Omnipotente, que estais presente em todo o Universo e na mais pequenina das vossas criaturas, Vós que envolveis com a vossa ternura tudo o que existe, derramai em nós a força do vosso amor para cuidarmos da vida e da beleza" (LS, 246).

No fim do dia, ao repassar o meu "passeio orante", continuava a "ver" os rebentos novos, viçosos e belos, e renovei a minha confiança na profecia de Isaías: "O deserto e a terra árida vão alegrar-se, a estepe exultará e dará flores belas como narcisos. Vai cobrir-se de flores e transbordar de júbilo e de alegria" (Is 35, 1-2). Sim, porque "Eu, o Senhor, renovo todas as coisas" (Ap 21, 5).

Quem tem a última palavra da vida não são as cinzas nem a destruição, mas antes os "rebentos novos" da ressurreição.

Nossa Senhora de Loreto ou dos Peregrinos

Em certa ocasião visitei a Igreja de Santo Agostinho, em Roma, onde está sepultada Santa Mónica, sua mãe. Nesta Igreja há um quadro, atribuído a Caravaggio, que tem uma história engraçada. Os frades agostinhos encomendaram a um pintor uma imagem de Maria "mais Rainha do que mãe e irmã". O artista, disciplinado, fez a encomenda pedida e quando foi cobrar o seu trabalho viu que os frades não lhe queriam pagar, nem queriam o quadro, porque achavam irreverente a maneira como havia representado a Mãe de Deus. O quadro representava Maria à porta da sua casa com o menino nos braços e vestida com roupas próprias de uma mulher dedicada aos trabalhos domésticos. Ajoelhados diante dela estão dois mendigos, com os pés descalços, pedindo esmola a Maria. Caravaggio depressa se deu conta de que a humanidade de Maria está coroada mais com o "avental" do que com o diadema. A centralidade da cena corresponde a um Deus que, através de Maria, serve a humanidade, simbolizada nos dois mendigos ajoelhados diante dela com os pés inchados, sujos e cheios de chagas.

Pintura a óleo de Caravaggio
1604-1606
Igreja de Sto. Agostinho - Roma

As mães curvam-se na direcção dos filhos. Primo Mazzolari comenta: *Aquele curvar do seu corpo é a prova do seu amor, o inconfundível sinal da maternidade que se abaixa e condescende. Abaixar-se é também o gesto de Jesus para com os seus irmãos no lava-pés.*

O pintor, com a sua visão particular, tentou convencer os frades agostinhos de que Maria exercia a sua realeza a partir da proximidade e intimidade da mulher que se sabe irmã e companheira de canseiras domésticas. Maria, mulher histórica da nossa raça e não deusa. A mulher crente, peregrina da fé, a que serviu Isabel, a pobre de Belém, a que sofreu pelo Filho, a que acompanhou os apóstolos na espera do Espírito Santo.

Lutero, longe da imagem desvirtuada e da visão maravilhosa que os evangelhos apócrifos descrevem sobre Maria – *uma supermulher* – num dos comentários mais bonitos que jamais se escreveram sobre o *Magnificat*, retratou deste modo a humanidade de Maria: *Nenhuma acção, nenhuma honra, nenhuma fama se atribui a si mesma […]. Não reclama nenhuma honra, vai e dedica-se às tarefas caseiras como antes, continua a ordenhar as vacas, cozinhando, lavando a louça, varrendo. Comporta-se tal como uma criada ou uma ama de casa dedicada a afazeres insignificantes e banais* […] Maria, como irmã, é modelo da humanidade que, na liberdade, diz um "sim" confiado e alegra a obra de Deus, colaborando activamente no seu crescimento.

Deus não precisa de mim – mas espera por mim!

Acreditamos que Deus é Criador e sabemos que Ele cria milhões de seres a cada segundo sem que para isso precise de nós, pois é omnipotente. No entanto, o nosso Deus é também um Deus omnipresente na vida dos seres que cria; depois de nos dar a vida, fica connosco e preocupa-se com a nossa felicidade.

Lúcia acreditou, desde muito pequena, que Deus estava com ela, contava com ela e lhe confiava uma missão muito especial. Ele não precisava de três pobres crianças para dar a conhecer a Sua mensagem, mas quis servir-se delas como um artista se serve de um instrumento para criar a sua obra de arte. Por isso, diz Lúcia: "A Mensagem de Fátima é a revelação de Deus presente no mundo entre os homens, particularmente em cada um de nós."

A missão que Deus confiou a Lúcia foi essencialmente a de corresponder com fidelidade ao amor que Ele lhe manifestou escolhendo-a para receber e transmitir ao mundo uma Mensagem celeste que levaria muitos corações a amarem a Deus e o Imaculado Coração de Maria. Lúcia assegura isso ao escrever: "o principal é o amor com que Ele deu a vida por mim e o amor com que eu devo corresponder aceitando tudo o que Ele quiser fazer de mim: Quereis oferecer-vos a Deus para suportar tudo o que Ele quiser enviar-vos? - Sim queremos!"

Suportar alguma dificuldade, de vez em quando, é de muitos, mas aceitá-lo constante e fielmente, durante toda a vida, é de santos: "Querer ser santa, não é uma ilusão, é um ideal de fidelidade e de correspondência ao Amor!; é querer identificar-se com Aquele que disse: «Sede santos porque Eu sou santo.»; é querer segui-Lo passo a passo, levar com Ele a cruz, beber do mesmo cálix e partilhar da mesma agonia!".

A pequena Lúcia entregou-se a Deus sem reservas, foi fiel durante toda a sua vida ao que a Senhora vindo do Céu lhe disse e pediu. Desta forma sentiu e viveu muitas vezes a alegria de saber que Deus conta com ela para a realização da Sua obra-prima na humanidade: "Ele tomou posse de mim e nunca mais me deixou, nunca mais me abandonou, nunca se retirou. A quem tem Deus nada lhe falta, dizia a Nossa Madre Santa Teresa. É verdade, e eu sinto essa realidade em mim, porque Ele me tomou para Si, me alimenta com a Sua vida, me sustenta com a Sua graça, me inebria com o Seu amor. Como é maravilhosa a nossa plena doação ao Senhor!"

Cem anos depois do inesquecível "milagre do sol", Lúcia continua a dizer-nos: "Olhem o sol!", não enquanto astro, mas o Sol do Amor de Deus, único capaz de iluminar e fazer milagres nas nossas vidas.

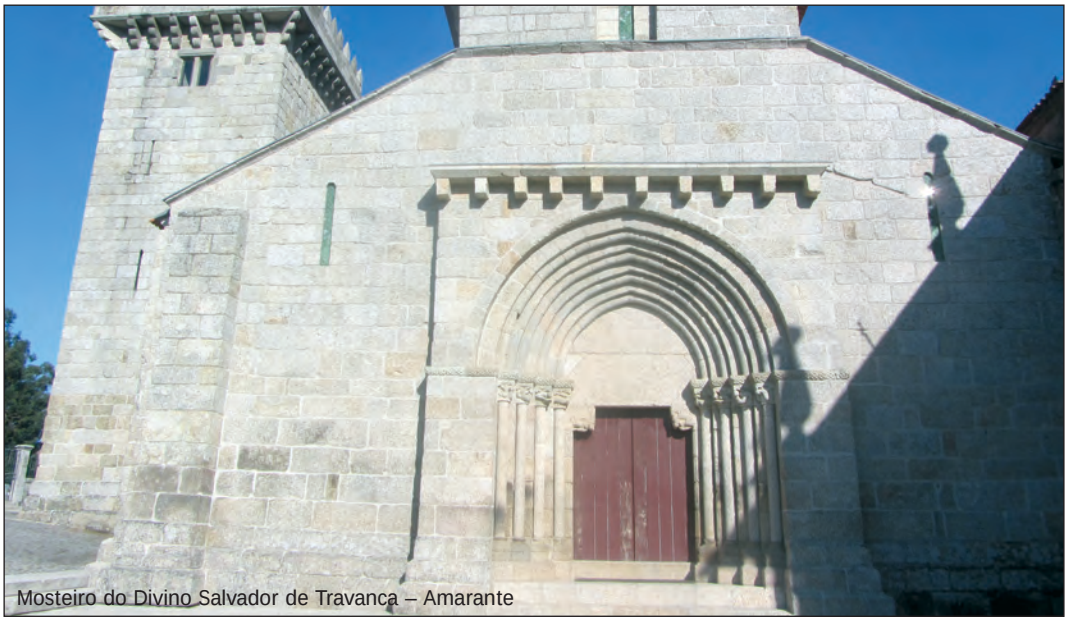
Rota do românico

Tenho aproveitado estes fins-de-semana de Setembro, quando os dias já começam a refrescar, para visitar mais alguns dos monumentos integrados na Rota do Românico. Os últimos que fui ver encontram-se perto de Amarante: Travanca, Salvador de Real, S. Martinho de Mancelos, Salvador de Freixo de Baixo, Santo André de Telões. Já na outra semana, contudo, tinha visitado Meinedo, donde segui para Bustelo que, não sendo românico, constitui monumento beneditino muito digno de visita.

Encontrar-me face a face com estas velhíssimas construções graníticas que há séculos enfrentam intempéries que até as pedras desgastam é muito comovente. E é comovente porque, perante estes monumentos, como que recuo no tempo e vem-me logo à lembrança o esforço gigantesco de tantos e tantos homens que ergueram estes edifícios para neles se reunirem em oração, para confirmarem na fé os povos que a acção de tantos apóstolos foi abrindo à luz de Jesus Cristo. Estes monumentos são testemunhos de uma fé, são marcos de uma civilização e de uma cultura que foram civilizando sociedades que vinham da barbárie e as tornaram, gradualmente, mais humanas. O que estas pedras já viram! Os homens e as mulheres que junto delas passaram, com as suas alegrias e tristezas, a sua juventude e a sua velhice, as suas vidas de trabalho e as suas mortes! Os sacerdotes e monges que nelas celebraram o sacrifício divino, instruíram as pessoas na fé e as baptizaram! As épocas de abundância e de fome, os campos lavrados, as sementeiras, as colheitas, as chuvas e as neves, os calores ardentes do estio e as suavidades da primavera! Os tempos de paz e os tempos de guerra. Estas pedras acompanharam gerações e gerações de homens e seguiram os seus passos com os olhos bem abertos das torres sineiras que lhes marcavam os ritmos do trabalho e do descanso.

Depois, há o aspecto artístico. Estas construções são preciosas obras de arte que revelam não apenas o domínio técnico de uma pedra dificílima de trabalhar, mas o domínio de uma simbólica que toda a gente conhecia e nós, hoje, quase completamente ignoramos. Nós já não sabemos ler aquelas pedras esculpidas. São para nós um mistério, umas vezes porque o tempo as desgastou e se tornou impossível identificá-las; outras vezes, porque, embora identificáveis, já perdemos o seu significado. E, no entanto, ele era, ao tempo em que foram esculpidas, conhecido por toda a Europa. E a prova é que as esculturas dos capitéis ou das arquivoltas são, fundamentalmente, as mesmas em Travanca e numa igreja românica francesa ou espanhola. As igrejas com as suas esculturas eram uma linguagem que toda agente conhecia. Eram os seus livros. No tempo em que foram construídas, raras pessoas sabiam ler e escrever, e o livro ainda não fora inventado. A instrução das pessoas era feita oralmente. As mais velhas iam comunicando às mais novas a sua experiência de vida. Os padres, nas homilias e sermões, ensinavam a palavra de Deus e como as pessoas deviam aplicá-la na sua vida. E as imagens que se encontravam nos capitéis das colunas e nas fachadas, nos altares ou nas pinturas a fresco das paredes encarregavam-se de ilustrar esses ensinamentos.

O simbolismo destas obras manifesta-se, desde logo, na disposição das constru-


Mosteiro do Divino Salvador de Travanca – Amarante

ções. Todas as igrejas estão orientadas no sentido nascente-poente: a cabeceira virada para onde nasce o sol, símbolo de Jesus Cristo; o pórtico de entrada para onde o sol se põe. Depois, as esculturas da vida de Cristo, da Virgem, dos apóstolos, principalmente nas igrejas de maior dimensão. As pessoas olhavam o tímpano dos pórticos ou das portas laterais, viam lá esculpido um cordeiro, segurando entre as patas um pendão, e sabiam que significava Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, triunfante sobre a morte. Reparavam nos capitéis das colunas e nas arquivoltas e viam figuras esculpidas, acabadas de sair do cinzel dos pedreiros, nítidas, ainda não desgastados pelos séculos nem envolvidas pelo musgo do tempo. Viam uma sereia segurando com as mãos a cauda e sabiam que isso queria dizer que devemos controlar os nossos passos nos caminhos da vida. A vida era para eles uma viagem por este mundo e, portanto, devemos controlar a nossa caminhada para não seguirmos caminhos de perdição. E viam outra sereia com um peixe na mão, como em Travanca, e sabiam que os peixes simbolizam, neste contexto, os nossos pensamentos mais íntimos, que devemos também saber controlar. E se viam um homem segurando os pés, ou uma ave segurando as asas, sabiam que isso era ainda um aviso para que os nossos passos seguissem pelo recto caminho. E se vissem pássaros com o bico encostado ao ouvido de um homem, compreendiam que era uma advertência para estarmos atentos às palavras que vêm do alto. E se vissem dois pássaros a meter o bico numa taça ou noutra vasilha sabiam que nos aconselhavam a irmos beber as águas vivas no sacramento da Eucaristia.

Enfim, os templos eram, então, o único livro que as pessoas tinham ao seu alcance, onde podiam ler e aprender tudo o que era necessário para a sua salvação. Nós, hoje, já não os sabemos interpretar, mas talvez esta Rota do Românico, tão rica de simbolismo e tão emocionante, nos venha despertar a curiosidade e nos leve a procurar saber decifrar todos os enigmas que para nós encerram.

[Uma leitura de Mt 13, 44]

A parábola do tesouro escondido no campo

Convidamos o leitor a começar por ler esta passagem evangélica e a meditá-la no seu coração, à luz das seguintes interpelações: "O Reino do Céu é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem encontra"… Como entendes as realidades «tesouro», «campo», «homem»? Que poderá ser o tesouro, o campo? Quem poderá ser o homem? Serás tu um tesouro, cheio de tesouros e com o Tesouro? Se calhar ainda não descobriste todos estes tesouros, ainda não os encontraste… Saboreia, durante alguns momentos, os teus tesouros e alegra-te com a tua descoberta. Talvez seja necessário saber que Deus dá os tesouros em forma de semente e não de frutos.

Escuta, por exemplo, esta história: uma vez, uma mulher sonhou que entrou numa loja e ficou surpreendida porque quem atendia era o próprio Deus. Num primeiro momento, não podia acreditar no que via. Assustou-se. Mas era tão grande o sorriso de bondade que ganhou ânimo e foi conversar com ele. "Meu Deus, vós é que atendeis?", perguntou. "Efectivamente" – respondeu Deus. "Sou eu que atendo". "E eu posso comprar os tesouros que quiser para ser feliz"? "Sim, claro que sim. Podes comprar os tesouros que quiseres". Então – disse a senhora -, quero levar saúde, felicidade, trabalho, amizade, amor, unidade, verdade, uma família perfeita, alegria, fé e muita esperança. E todos estes tesouros não apenas para mim e para os meus amigos, mas para todas as pessoas do mundo". Deus começou a rir e disse-lhe: "Não percebeste, minha querida. Aqui vende-se esses tesouros todos, mas em semente, não em frutos". E a mulher acordou.

«O reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo». Um tesouro foi escondido e revelado para todos nós. Quando o descobrimos, porque nos é revelado, agora, cheios de alegria tornamos a escondê-lo, de tal modo ele é grande e nos comove, tanto no plano afectivo, como no plano do conhecimento. E nós estamos dispostos a tudo para ver esse tesouro enterrado em nós, tesouro que não nos pertence ainda inteiramente.

Qual é este tesouro? Será a nossa vida? Sem dúvida. Seremos nós? Certamente. Serão as coisas que amamos? Com certeza. Este tesouro é o quê, é quem? É Deus de quem tudo vem e para quem tudo vai. Este tesouro é o nosso criador, a nossa vida; este tesouro é o nosso salvador, o nosso libertador, o nosso enamorado, a nossa vida inteira, o nosso caminhar, o nosso tudo. Este Deus é o homem, o Cristo Jesus, Senhor, princípio e fim de tudo, em quem se encontra a Trindade de Deus em nós. Este tesouro é, para nós, actualmente, toda a palavra e todo o acto d'Ele por nós e pelos outros. Este tesouro é o Seu amor real e fiel que nos cria e nos salva, que nos recriará e nos salvará mais uma vez e sempre. Este tesouro é a nossa vida escondida n'Ele, que encontramos; é Ele escondido em nós que encontramos, reencontramos, cada vez mais depois de ausências, abandonos, traições, ignorâncias, da nossa parte. Este Deus é espera e silêncio activos, carenciados, para que nós O encontremos cada vez mais e melhor.

Este tesouro é a nossa vocação, é a

nossa vida em direcção a Ele pelos outros e nos outros, pelas coisas e nas coisas que são caminhos Seus, sinais Seus, e que nos dizem que elas são d'Ele, mas que não são ainda Ele, que jamais serão Ele. Porque Ele não tem limites e o resto é limitado, sobretudo nós próprios, confundidos pelo pecado e nos nossos pecados contra tudo e contra todos.

Este tesouro está em nós, mas é Deus. Se nós nos tornamos um tesouro, é por causa d'Aquele que está em nós, que nos dá o nosso ser, o nosso tesouro. Este tesouro é uma dinâmica de vida, de conhecimento, de criatividade, de comunicação, de geração, de amor, em processo permanente de preparação durante a nossa vida terrestre, e em finalização permanente durante esta mesma vida finalizada, que é celeste. Actualmente, a nossa vida consiste em procurá-lo, encontrá-lo, escondê-lo, voltar a escondê-lo, vender tudo, sem pensar no amanhã, segundo a nossa fé e a sua palavra, para O procurarmos cada vez mais, O encontrarmos, O conhecermos, O amarmos, comungarmos na Sua palavra e na Sua acção.

Cada pessoa é um tesouro que nos fala do tesouro. Cada dia, cada coisa estão aí para nós, para Ele, como um caminho, como uma paragem, um oásis, para continuarmos a procurar e a encontrar. Tudo é campo, mas tudo contém uma palavra, uma acção, um embrião-sinal d'Ele, graças ao seu evangelho, isto é, Ele a caminhar para nós, tanto em palavras como em actos, pelo seu Espírito Santo enviado para isto. O Espírito é o guia que nos leva a este tesouro que é Jesus Cristo, origem e fim de tudo, fonte de Deus, Pai de todos nós.

A parábola fala se nós a vivemos, se a realizamos cada vez mais, em tudo, para todos e por todos. Porque onde existe uma coisa, ou alguém, existe o campo; e onde se encontra o campo, encontramos o tesouro escondido, reescondido, encontrado, reencontrado, e a alegria. O que é importante descobrir, saber, viver, é que, mesmo que esta parábola nos diga que este tesouro está no campo, em cada coisa, em cada pessoa, ele não só não está lá identificado, contido como que numa caixa, mas que, pelo contrário, nenhuma coisa, nenhuma pessoa pode contê-lo; este tesouro de tal modo ultrapassa tudo e todos, que é antes nele e por ele que todas as coisas são contidas, existem, vêm a ser, passam, vão para Ele. O céu e a terra não podem conter o seu autor, o campo tão-pouco.

Rezar a Palavra de Deus e a Mensagem de Fátima

«Encontrando-se Jesus numa das cidades, apareceu um homem coberto de lepra. Ao ver Jesus, caiu com a face por terra e dirigiu-lhe esta súplica: "Senhor, se quiseres, podes purificar-me." Jesus estendeu a mão e tocou-lhe, dizendo: "Quero, fica purificado." E imediatamente a lepra o deixou.
A sua fama espalhava-se cada vez mais, juntando-se grandes multidões para o ouvirem e para que os curasse dos seus males. Mas Ele retirava-se para lugares solitários e aí se entregava à oração.» (Lc 5, 12-16)

«– Continuem a rezar o Terço a Nossa Senhora do Rosário, todos os dias. Em Outubro virá também Nosso Senhor, Nossa Senhora das Dores e do Carmo, S. José com o Menino Jesus para abençoarem o Mundo. Deus está contente com os vossos sacrifícios, mas não quer que durmais com a corda; trazei-a só durante o dia.

– Têm-me pedido para Lhe pedir muitas coisas: a cura de alguns doentes, dum surdo-mudo.

– Alguns curarei, outros não. Em Outubro farei o milagre para que todos acreditem.» (13/09/1917)

A aparição de Nossa Senhora, no mês de Setembro de 1917, aos pastorinhos, na Cova da Iria, segue a mesma linha da mensagem das aparições anteriores. Mantem-se o pedido premente de Nossa Senhora em se rezar o terço, todos os dias. De facto, a oração é o tema central de toda a mensagem de Fátima e deve ser motivo de reflexão para todos aqueles que se consideram devotos de Nossa Senhora, sobretudo, sob esta invocação.

Durantes estes cinco meses, Nossa Senhora pediu que se rezasse o terço todos os dias. Um pedido que não é dirigido apenas às três crianças, mas dirigido a todos, especialmente aos peregrinos, que desde junho se dirigiam para Aljustrel e à Cova da Iria, e que mês após mês iam aumentando cada vez mais.

O pedido de oração feito por Nossa Senhora, nas aparições de Fátima, é formulado com o pedido da oração do terço. A oração do rosário, meditando os mistérios da vida de Jesus Cristo, é uma oração maravilhosa, muito útil e prática, para ajudar todas as pessoas a ritmarem a sua vida com a oração. Contudo, não podemos esquecer que as aparições e a mensagem aconteceram num contexto social e religioso específico, cujos protagonistas foram três crianças, de tenra idade e analfabetas. Logo, deve-se considerar que, sem desvalorizar a oração do terço, a mensagem de Nossa Senhora e o pedido que faz, continuamente, de se rezar, é na sua essência, uma mensagem sobre a oração e a sua importância na vida do cristão, pelo que deve ser tida em conta na vida diária, com o protagonismo que lhe é devido, não importando a fórmula ou a formulação da mesma: terço, *lectio divina*, liturgia das horas, oração do coração …

No relato da aparição deste mês, vemos ainda a Lúcia, como porta-voz, dirigindo a Maria as intenções daquela gente que, movida pela fé, se confiava à sua oração e

à intercessão de Nossa Senhora. Os três pastorinhos são um exemplo perfeito do verdadeiro orante, que não se fecha na sua devoção, mas está solidário com os outros dirigindo a Deus a sua oração pelas intenções dos que se lhe confiam e pelos que mais sofrem.

A mensagem de Nossa Senhora não traz, nem podia trazer, nada de novo. Ela vem indicar-nos que o caminho a seguir é o seu Filho Jesus. E Jesus mostra-nos, com a sua vida, como é importante a oração.

Se vemos Jesus a rezar e Nossa Senhora a pedir, com tanta insistência, a oração diária, isto deve-nos fazer pensar. A mensagem de Fátima deve ser para nós uma constante interpelação sobre a nossa vida espiritual. Aceitemos o desafio de fazermos um exame de consciência sobre a oração na nossa vida e aproveitemo-lo como o nosso momento de oração:

Que tempo, do nosso dia, destinamos para a oração? A oração ocupa, realmente, um lugar importante na minha vida? Esforço-me por ser fiel à oração ou rezo apenas nos momentos difíceis e de aperto? Tenho consciência que ser cristão, discípulo de Jesus Cristo, implica ser um homem / mulher de oração? Acredito, verdadeiramente, no poder da oração ou considero que esta é secundária e o que importa é a ação? Como é a minha oração? Porque rezo? Para que rezo? É uma oração de interesse, pedindo para mim graças, que muitas vezes nem correspondem à vontade de Deus, exacerbando assim o meu egoísmo e egocentrismo? Ou é uma oração de louvor e adoração, aberta às necessidades do mundo e do meu próximo? Rezo porque vivo? Ou vivo porque rezo?

Oração

Jesus, nosso Mestre e Salvador, pelo Imaculado Coração de Maria, nossa mãe, ensina-nos a orar e sermos perseverantes na oração.

Os Túmulos dos Pastorinhos

Há já bastante tempo, quando comecei a falar e meditar sobre alguns lugares de Fátima (o Poço de Lúcia, a Capelinha, a Capela do Santíssimo…), e que julgava que já todos conheciam, chegaram-me algumas ressonâncias positivas por termos tido esta lembrança de apresentá-la no Mensageiro do Menino. Entretanto, propuseram-me que dissesse também uma palavrinha sobre outros lugares tão significativos e entre eles, sugeriram-me, uma palavra sobre os Túmulos dos Pastorinhos.

Até há relativamente pouco tempo, quando entrávamos na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima (obra do arquitecto holandês Gerard Van Kriechen, cuja primeira pedra foi benzida em 13 de Maio de 1928), bem ao cimo, junto do presbitério, encontrávamos apenas dois túmulos, o do Francisco e o da Jacinta. Agora são duas belas obras de arte, embora muito simples, como era próprio, mas muito significativo, dos dois meninos. Ali estavam como sentinelas, ou como guardiães de Nosso Senhor que está ali também, bem perto, no Sacrário, como Seus adoradores perpétuos. Na capela lateral esquerda repousam os restos mortais de Jacinta, e na capela lateral direita repousam os restos mortais de Francisco. Junto ao túmulo de Jacinta foi aberto um outro túmulo, em Fevereiro de 1995, destinado à irmã Lúcia, acordado entre o santuário de Fátima, o Carmelo de Coimbra e a própria Irmã Lúcia. A 13 de Maio de 2000, o Papa João Paulo II beatificou solenemente, em Fátima, os dois pastorinhos Francisco e Jacinta e benzeu as suas imagens, sobrepostas aos respectivos túmulos, que são da autoria, respectivamente, de José Rodrigues e de Clara Menéres. «Por desígnio divino, veio do Céu a esta terra, à procura dos pequeninos privilegiados do Pai, "uma Mulher revestida com o sol" (Ap 12,1). Fala-lhes com voz e coração de mãe: convida-os a oferecerem-se como vítimas de reparação, oferecendo-Se Ela para os conduzir, seguros, até Deus» (*Homilia do Papa João Paulo II na Beatificação do Francisco e Jacinta Marto*).

Hoje, quem visita a Basílica, já encontra também o túmulo de Lúcia, bem ao lado da sua prima, a Jacinta… E lá estão os três que, depois de unidos na vida, continuam bem unidos após a morte e mais unidos ainda, certamente, no céu. Durante alguns anos percorreram, juntos, aqueles lugares, pastoreando as suas ovelhinhas, escutando as canções dos passarinhos, tocando e cantando as lindas histórias, canções próprias da época, cantos que aprendiam na Igreja ou na Catequese, colhendo florinhas, ou correndo atrás de qualquer borboleta.

À Jacinta e ao Francisco já os veneramos como santos do nosso calendário santoral (as duas primeiras crianças, não mártires, canonizadas, isto é, a ser elevadas à categoria de Santos pela Igreja): são os grandes intercessores; à Lúcia, continuamos a rezar diante do seu túmulo para que, quanto antes, e quando Deus quiser, a possamos venerar e honrar também no mesmo calendário litúrgico.

Quando vou a Fátima e tenho a oportunidade de ir até à Basílica, gosto de visitar os três túmulos porque me dizem sempre alguma coisa: o silêncio, a oração, a contemplação daquele mistério de presença…; a mensagem, a experiência, os ensinamentos, o testemunho…; a beleza, a simplicidade e humildade daquele lugar, toda a ener-

gia e odor que exalam, deixam-me como que extasiado, sem conseguir dizer palavra, simplesmente, escutando, contemplando, respondendo com o coração.

Depois, ao sair, vêm as perguntas de sempre: porquê a morte? Porquê morreram tão cedo (os dois mais jovens)? Porquê morrem os Santos, os que são bons? Como seria bom que eles pudessem continuar a testemunhar aquilo que viram e ouviram… não ajudaria muitos mais a acreditar? Não poderiam conduzir mais homens e mulheres à fé? Tantas perguntas que nos vêm ao pensamento: umas legítimas, outras, se calhar, não tanto, mas que, nem por isso, deixam de nos questionar.

Eles agora estão aí, e vão-nos dando algumas respostas: eram crianças na altura; as suas palavras pouco impacto poderiam causar pois ninguém ligava importância alguma àquelas crianças rudes, ignorantes; seria tudo um sonho inventado por elas ou por alguém que estava por detrás e queria servir-se delas? Mas aqui, diante dos seus túmulos, recordamos e admiramos os seus actos heróicos: seus sacrifícios (embora alguns bem pequeninos!?), suas orações, seus pedidos, seus compromissos, suas dores (na doença e até na perseguição e na ameaça, como em Agosto), sua morte.

Se calhar, cada um dos três teria alguma palavra particular a dirigir-nos: confiai, acreditai, sacrificai-vos, oferecei-vos, rezai, intercedei, vigiai, testemunhai…

Os pastorinhos estão agora na Basílica. Já os veneramos como santos, à Jacinta e ao Francisco, e desejamos que Lúcia seja proclamada bem-aventurada. Estão aí como sentinelas, como chamada de atenção, apelo e convite, desafio e provocação diante do nosso comodismo, facilitismo, egoísmo… Foram heróis, e dos grandes; e deixam bem alto o nome de Portugal, este cantinho privilegiado de Deus e de Nossa Senhora. Foram crianças, rudes e ignorantes, mas muito sábias e grandes na corrida que fizeram, na meta que alcançaram.

Diante desta maravilha dos Pastorinhos só nos resta dizer, rezar, cantar: «*Cantemos, alegres, a uma só voz: Francisco e Jacinta, rogai por nós. Caminhantes neste mundo, ajudai-nos cada dia, a viver sempre seguros sob o manto de Maria. A Senhora do Rosário, pela vossa intercessão, abençoe o Santo Padre e nos leve à conversão*» (hino dos Pastorinhos).

Fátima – os Papas

Quando chego a casa tenho a alegria de ser recebido pelos dois atletas da família. Numa grande euforia gritam: papá… e se durante o pequeníssimo percurso a Maria é abalroada pelo Francisco, é certo que temos amuo à vista, superado apenas e só depois de breves mimos extra. Confesso que gosto desta recepção e como sei que daqui a uns anos será muito diferente, aproveito para usufruir dela no momento presente.

Num destes dias, depois do habitual caloroso acolhimento, o Francisco perguntou-me:

– Pai, lembras-te que ficaste de me falar dos Papás de Fátima?

Tens toda a razão, Francisco, respondi eu, preparando-me para um belo serão!

Como já te dissera, no tempo das Aparições de Nossa Senhora em Fátima, o Papa que presidia à Igreja era Bento XV (1914-1922), mas a primeira alusão registada a um Papa ligado a Fátima aconteceu só com Pio XI (1922-1939), e pode resumir-se à oferta de uma pagela aos alunos do Pontifício Colégio Português em Roma, na qual estava escrita uma invocação a Nossa Senhora; o Papa benzeu uma imagem de Nossa Senhora de Fátima destinada a esse mesmo colégio e concedeu uma indulgência plenária aos peregrinos do Santuário.

Quando faleceu o Papa Pio XI, sucedeu-lhe o Papa Pio XII (1939-1958).

– Oh pai, e depois do 12 veio o 13?, interrompeu o Francisco!

Por acaso não, respondi eu e acrescentei: o nome do Papa não obedece a uma sequência!

– Então porque é que eles escolhem outro nome?, indagou ele!

Vamos lá ver se eu te consigo explicar de forma simples e abreviada. Quando o Cardeal eleito aceita a missão de Papa, é-lhe perguntado o nome pelo qual ele quer ser chamado. Esta tradição, embora antiga, nem sempre existiu. A primeira vez que um sucessor de São Pedro mudou de nome foi com um homem chamado *Mercúrio*, eleito no ano 532. Como tinha um nome pagão (deus grego Hermes), trocou o nome por João II, em honra do seu antecessor, João I, que tinha sido morto. Desde então, muitos dos seus sucessores, imitaram-no, alterando o nome de Baptismo.

– Mas ó pai, como é que eles inventam o nome novo e os números?, perguntou o Francisco, talvez confuso com tudo isto!

Repara, Francisco, na Bíblia, há alguns casos de pessoas que mudaram de nome. A *Abrão*, por exemplo, Deus chamou *Abraão*, que quer dizer “pai das nações”, pois Deus assim lho tinha prometido. *Sarai*, esposa de Abrão, recebeu o nome de *Sara*, “mãe e rainha das nações”, pois viria a ser mãe de reis. Jesus mudou o nome a *Simão*, e passou a chamar-lhe *Pedro*, que na língua de Jesus quer dizer “pedra”. Como podes concluir, a mudança de nome, significa assumir uma missão nova e especial.

– Oh pai, sabes uma coisa?, eu não quero mudar de nome, afirmou ele com toda a convicção!

Fico contente por saber que gostas do teu nome. Voltemos então a Fátima, rematei…

Foi com Pio XII que aconteceu a primeira atitude oficial do Vaticano para com Fátima, quando a 31 de Outubro de 1942, o Papa consagrou o mundo ao Imaculado

Coração de Maria, acedendo ao pedido que Nossa Senhora transmitira aos Pastorinhos. Depois, a 13 de Maio de 1946, enviou uma pessoa muito amiga a Fátima para coroar a imagem de Nossa Senhora.

A Pio XII seguiu-se o Papa João XXIII (1958-1963). Tinha estado em Fátima a 13 de Maio de 1956, quando era Patriarca de Veneza. Depois de eleito Papa, convocou o grande Concílio Vaticano II.

Mas o primeiro Papa a visitar Fátima foi Paulo VI (1963-1978), no dia 13 de Maio de 1967, por ocasião dos 50 anos das Aparições de Nossa Senhora e simultaneamente 25º aniversário da consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria. Veio apenas a Fátima, como «peregrino humilde e confiante». Foi ele o grande continuador do Concílio Vaticano II.

A Paulo VI seguiu-se o Papa João Paulo I (1978), cujo pontificado durou apenas 33 dias. Tinha estado em Fátima a 10 de Julho de 1977, como Patriarca de Veneza, tendo então pedido aos peregrinos o cumprimento da Mensagem de Fátima.

Foi com o Papa João Paulo II (1978-2005) que as relações com Fátima se tornaram mais fortes. No dia 13 de Maio de 1981, quando o Papa passava por entre a multidão na praça de S. Pedro, em Roma, foi atingido por uma bala, disparada por um homem.

– Mataram o Papa?, interrompeu o Francisco.

Não, respondi eu. Felizmente a bala que o atingiu no abdómen não lhe causou danos maiores. João Paulo II atribuiu à protecção de Nossa Senhora de Fátima o facto de ter sobrevivido aos tiros que dispararam contra ele. E foi por isso que, no ano seguinte, veio a Fátima, para «agradecer à Divina Providência» tal facto, pois – como o disse várias vezes –, «uma mão materna» desviou a trajectória da bala. Dois anos depois ofereceu ao Santuário a bala que lhe

retiraram do corpo, tendo esta sido colocada na coroa de Nossa Senhora. Este Papa voltou a Portugal em 1991, e ainda uma terceira vez a 13 de Maio de 2000, alegre por vir beatificar o Francisco e a Jacinta. Nesse dia foi revelada ao mundo a terceira parte do Segredo de Fátima.

Em Maio de 2010 esteve em Fátima o Papa Bento XVI (2005-2013) – que ainda vive em Roma. Ele conhecia muito bem Fátima e a Mensagem de Nossa Senhora. Já tinha estado cá quando era Cardeal. A ele se deve o grande estudo das Aparições e da Mensagem de Nossa Senhora, concretamente o comentário teológico da terceira parte do segredo.

E, como viste, em Maio passado, esteve em Fátima o Papa Francisco.

– Pois foi pai, passou mesmo à minha frente. Gosto muito dele, e “escolheu o meu nome” para Papa, concluiu o Francisco!

Senhora do Rosário de Fátima, intercedei junto de Jesus pelo nosso Papa, para que Deus o conserve e defenda no governo do povo santo de Deus.

La Salete Coelho

Companheiros e companheiras de vida

Os textos evangélicos apresentam um manancial de personagens que, de tanto escutar as suas histórias, tornam-se tão próximas, tão presentes que passam a fazer parte da minha vida e por quem acabo por nutrir sentimentos especiais.

Como não sentir um carinho especial por Pedro? – Com as suas dúvidas, que o fizeram afundar enquanto caminhava em direção a Jesus; com o seu voluntarismo que o fazia responder a todos os desafios do Mestre sem pensar; com o seu medo que o levou a negá-lo três vezes; com a sua capacidade de se arrepender e de retomar o caminho, acreditando na redenção, em vez de desesperar.

Como não escolher o Bom Samaritano como modelo? – Aquele homem que não olhou à cor, à religião, às convenções sociais, a qualquer tipo de estereótipo e fez apenas o seu dever de Ser Humano, acudindo ao irmão que necessitava, porque percebeu que o que nos une não é a nacionalidade ou a crença mas a dignidade que todos merecemos por sermos criação de Deus, por partilharmos uma mesma Humanidade.

Como não sorrir com a surpresa da Samaritana? – Por um homem, um judeu, se dirigir a ela, mulher e samaritana, quebrando todos os preceitos do seu tempo; por ele, que conhecia toda a sua vida, não assumir uma atitude de reprovação mas parecer determinado em compreender o coração da mulher por detrás das ações, coração disposto a acreditar, transformando-a em missionária, que o vai anunciar.

Como não aprender com a humildade do Centurião? – Um homem que, conhecendo a bondade de Jesus e reconhecendo o seu poder não se sente suficientemente digno de o receber em sua casa mas confia que produzirá o milagre necessário.

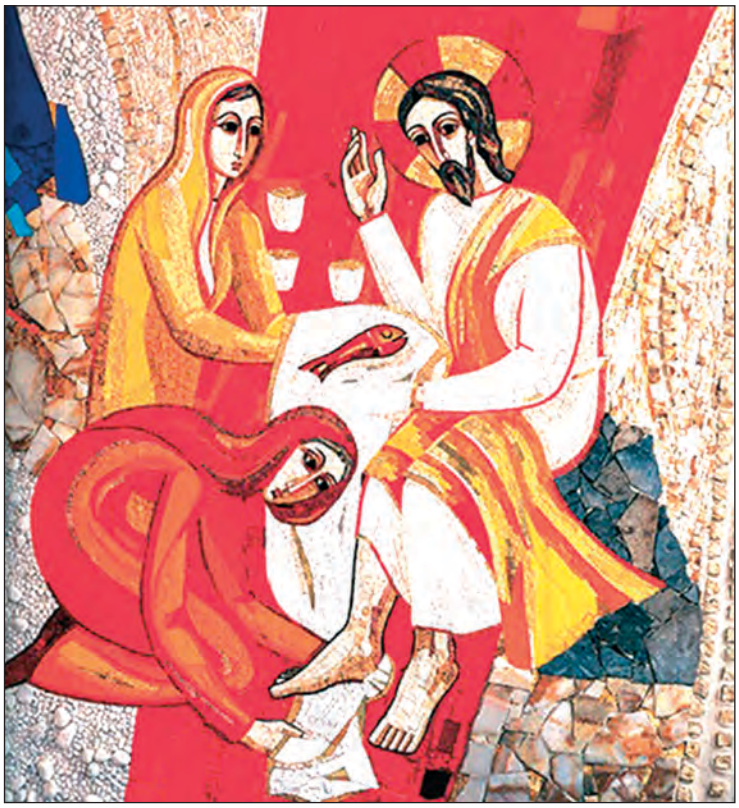
Como não me comover com o gesto de Maria Madalena aos pés de Jesus? – Uma vez mais Jesus vai contra todas as convenções e não só aceita a proximidade de uma mulher pecadora, também ela agindo contra todos os costumes, como a perdoa e lhe dirige palavras de louvor pelo seu Amor.

Como não ter a esperança de, a cada vez que me afasto do caminho certo, ser recebida como o Filho Pródigo? – Aquele que decide tomar o destino nas suas mãos, confiando apenas nas suas forças; aquele que sente um vazio e vai à procura de aventuras; aquele a quem o pai permitiu a liberdade de errar. Também aquele a quem são abertos os braços, no regresso, porque teve a humildade de reconhecer o seu erro; aquele por quem se celebra, porque estava perdido e voltou a encontrar-se.

Mas, como não compreender o amuo do filho mais velho? – O que seguiu sempre as regras e se deixou ficar acomodado às vontades do pai. O que talvez tenha sentido que perdera uma parte da vida, por realizar o que se esperava dele. O que se sentiu injustiçado com a celebração, por ele próprio se sentir mais merecedor de tal gesto.

Entre estes companheiros e companheiras que me acompanham com o seu exemplo e me ensinam, em diferentes momentos da vida, lições distintas, há duas especiais – Marta e Maria, as irmãs de Lázaro. Como se sentiria Jesus ao regressar

das suas viagens e ao poder repousar em Betânia, junto aos seus amigos? Sempre imaginei Betânia como um local de retiro para Jesus, um local onde ele se sentia em casa e podia descansar das lutas que travava. Com eles, Jesus terá partilhado ensinamentos, preocupações e desejos, planos para o Reino do Pai que queria levar pelo mundo. É pela morte de Lázaro, e seguramente pelo sofrimento que esta causou nas suas irmãs, que Jesus chora, numa cena de comoção única do Evangelho.



É entre estas irmãs que sucede uma cena que me toca particularmente. Um dia Jesus vai a casa delas e Marta apressa-se a preparar tudo para bem receber Jesus. Maria, senta-se aos Seus pés para O ouvir contar as Suas histórias que lhe enchem o coração. Todos já sabemos como se desenrola a cena – Marta queixa-se a Jesus por aceitar que Maria a deixe sozinha com todo o trabalho e Jesus, numa resposta algo inesperada repreende-a: «Marta! Marta! Andas inquieta e preocupada com tantas coisas, quando uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada» (Lc 10, 41-42). O Evangelho nada diz sobre a sua reação, mas eu, amiga desta Marta – porque também muito Marta – consigo senti-la e compreendê-la: «Que ingrato me saíste, Jesus. Eu aqui preocupada contigo, a querer tomar bem conta de ti, e tu respondes-me assim. És bem injusto». Vejo e sinto toda esta cena na minha cabeça e no meu coração e ela incomoda-me, toca-me bem no fundo: «É preciso quem faça, Jesus, e tu bem o sabes. O que seria do Reino de Deus sem gente que trabalhe duro?». «Sim, é verdade» – oiço cá dentro – «é preciso quem faça. Mas também é importante que quem sirva encontre tempo e espaço para escutar, para refletir, para se encontrar, para encontrar alimento, e descobrir as razões que a movem, que a impelem. Se assim não for, corre-se o risco de esvaziar os gestos, de os tornar ocos, sem sentido, apenas um dever que se cumpre e nada mais. Maria não deve ficar com a alegria da Palavra apenas no seu coração, mas tu não te podes desmultiplicar em gestos exteriores sem te ancorares no calor do meu Amor. Nunca te esqueças que é ele que a tudo dá sentido!»

Fr. Renato da Cruz, ocd

Interpelações de Francisco e Jacinta a um jovem carmelita

Aproxima-se o encerramento do I Centenário das Aparições da Virgem Maria em Fátima. Um Centenário que inspirou, mobilizou e comoveu as dioceses e o país. Um Centenário que motivou a reflexão, o debate e (abundante!) produção escrita, artística, visual e virtual. Um Centenário coroado pela canonização de Francisco e Jacinta Marto na feliz visita do Papa Francisco à Cova da Iria.

É desde este último ponto de vista que gostaria de meditar tudo o que nos foi dado viver neste ano de graça. Agora que tudo volta à normalidade, passemos do coração à razão o que vivemos para que, pouco a pouco, tenhamos razões para um novo coração e uma nova ação. Façamo-lo com os pastorinhos. As suas vidas, agora reconhecidas e apresentadas a toda a Igreja como modelo de santidade, são como que o selo de qualidade da mensagem de Fátima. No entanto, esta é a minha meditação. Assumo a parcialidade da perspetiva. Não procuro o que outros, mais doutos, poderão fazer com propriedade. Apenas quero partilhar as principais interpelações que estas vidas me suscitam para a minha vida como jovem carmelita.

1 – A infância espiritual

A primeira grande interpelação é a própria realidade dos escolhidos. A santidade de Francisco e Jacinta coloca de novo a questão da eleição da infância e dos simples para a vida espiritual. Nos inícios do século XX, século em que o engenho humano parece escalar o inatingível e a força despoletada pelos poderosos mostra, pela primeira vez a nível mundial, a monstruosidade de que é capaz o ser humano, a Trindade volta a surpreender-nos elegendo crianças analfabetas e de um meio pequeno para que, ao fazerem uma profunda experiência da Sua graça, vivam unidas a Si e sejam profetas na cena mundial, abrindo uma janela de futuro. A infância e a simplicidade dos pastorinhos não foram um empecilho para a vivência da santidade na sua dimensão pessoal ("Quereis oferecer-vos a Deus?") nem empobreceu a comunicação da mensagem. Pelo contrário, na sua tenra vida, manifesta-se claramente que a união com Deus, a santidade, não é fruto dos nossos méritos nem conquista do nosso engenho, mas algo que só pode vir de Deus; apesar (e talvez por causa!) da sua condição analfabeta e da sua origem numa terra esquecida, a mensagem de Fátima chegou a todo o mundo e de todo o mundo chegam a Fátima peregrinos que, na Cova da Iria, experimentam a própria Trindade e uma bela metáfora da Igreja, mar de luz de todos e para todos os povos, experiência poderosa de uma nova humanidade reconciliada.

O fundamento bíblico desta eleição da infância, embora bastante conhecido, é sempre belo e desafiante: "Apresentaram-lhe uns pequeninos para que Ele os tocasse; mas os discípulos repreenderam os que os haviam trazido. Vendo isto, Jesus indignou-se e disse-lhes: «Deixai vir a mim os pequeninos e não os afasteis, porque o Reino de Deus pertence aos que são como eles. Em verdade vos digo: quem não rece-

ber o Reino de Deus como um pequenino, não entrará nele.» Depois, tomou-os nos braços e abençoou-os, impondo-lhes as mãos." (Mc 10, 13-16) No seu contexto, o texto é claramente eclesiológico: Jesus coloca as relações dos seus irmãos na lógica do seu mistério pascal. Nesse caminho novo de sentido, os pequeninos, ontem como hoje tantas vezes excluídos, não só são incluídos, mas propostos como modelo (são como eles). É Jesus o primeiro a propor a infância espiritual, caminho que brilhará no testemunho vital de Teresinha do Menino Jesus. Conrad de Meester, estudioso desta Doutora da Igreja, define eloquentemente este caminho: "Caminho de infância espiritual é, sob o ponto de vista estático, um caminho para a santidade que consiste em reconhecer com humildade a própria situação de imperfeição e ter confiança na misericórdia de Deus, que nos concederá a graça do seu amor. Sob o ponto de vista dinâmico, o caminho da infância espiritual é progredir incessantemente nessa atitude: 'empequenecer-ser mais e mais'."

Claro está que na Mensagem de Fátima a infância espiritual não está presente. No entanto, a experiência espiritual na infância é a circunstância vital dos seus primeiros recetores, pois a graça não anula a humanidade. E no seu núcleo (a experiência da Graça e da Misericórdia), esta mensagem exigirá uma atitude de infância espiritual, ou seja, um caminhar como criança que confia totalmente ao cuidado de outro, deixando Deus ser cada vez mais o protagonista. A nós fica-nos o desafio de caminhar como eles pelos caminhos que a Santíssima Trindade nos propuser. A clave deste cântico novo é conhecida: abandonar-se, confiar-se, deixar-se amar e cuidar. Tal atitude, longe de nos desresponsabilizar, aumenta o desejo de responder a tanto amor, pois "amor com amor se paga". Nunca mais esquecerei aquele 13 de maio em que, pela primeira vez na história da Igreja, crianças não mártires foram canonizadas. Se foi possível neles, faça-se em mim, faça-se em nós segundo a Tua Palavra, Senhor.

(continua nos próximos números)

Calem-se as armas

É verdade que não se acumulam as armas científicas só com o fim de serem empregadas na guerra. Com efeito, dado que se pensa que a solidez defensiva de cada parte depende da sua capacidade de resposta fulminante, esta acumulação de armas, que aumenta de ano para ano, serve, paradoxalmente, para dissuadir possíveis inimigos. Muitos pensam que este é hoje o meio mais eficaz para assegurar uma certa paz entre as nações.

Seja o que for deste meio de dissuasão, convençam-se os homens de que a corrida aos armamentos, a que se entregam muitas nações, não é caminho seguro para uma firme manutenção da paz; e de que o pretenso equilíbrio daí resultante não é uma paz segura nem verdadeira. Corre-se o perigo de que, com isso, em vez de se eliminarem as causas da guerra, antes se agravem progressivamente. E enquanto se dilapidam riquezas imensas no constante fabrico de novas armas, torna-se impossível dar remédio suficiente a tantas misérias de que sofre o mundo actualmente. Mais do que sanar verdadeiramente e plenamente as discórdias entre as nações, o que se consegue é contagiar com elas outras partes do mundo. É preciso escolher outros caminhos, partindo da reforma das mentalidades, para eliminar este escândalo e poder-se restituir ao mundo, liberto da angústia que o oprime, uma paz verdadeira.

Ele julgará as nações, e dará as suas leis a muitos povos, os quais transformarão as suas espadas em relhas de arados, e as suas lanças, em foices. Uma nação não levantará a espada contra outra, e não se adestrarão mais para a guerra. (Is 2,4)

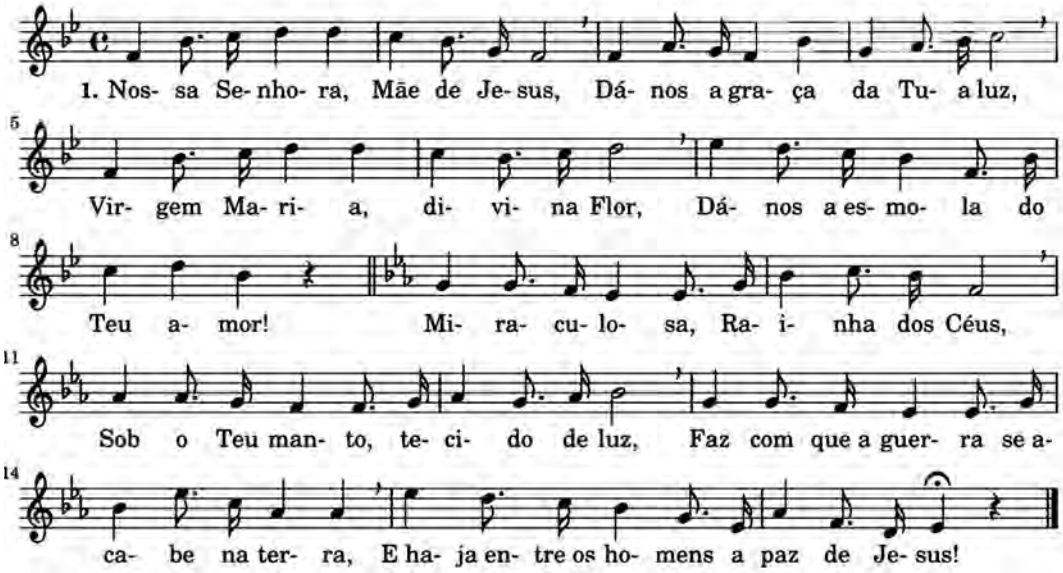
Por tal razão, de novo se deve declarar que a corrida aos armamentos é um terrível flagelo para a humanidade e prejudica os pobres dum modo intolerável. E é muito de temer, se ela continuar, que um dia provoque as exterminadoras calamidades de que já presentemente prepara os meios.

Advertidos pelas calamidades que o género humano tornou possíveis, aproveitemos o tempo de que ainda dispomos para, tornados mais conscientes da própria responsabilidade, encontrarmos os caminhos que tornem possível resolver os nossos conflitos dum modo mais digno de homens. A providência divina instantemente nos pede que nos libertemos da antiga servidão da guerra. Se nos recusamos a fazer este esforço, não sabemos aonde nos levará o funesto caminho por onde enveredámos.

É, portanto, claro, que nos devemos esforçar por todos os meios por preparar os tempos em que, por comum acordo das nações, se possa interditar absolutamente qualquer espécie de guerra. (GS 81-82)

Nossa Senhora, Mãe de Jesus

Fausto Neves



1
Nossa Senhora, Mãe de Jesus,
Dá-nos a graça da Tua luz,
Virgem Maria, divina Flor,
Dá-nos a esmola do Teu amor!

Miraculosa, Rainha dos Céus,
Sob o Teu manto, tecido de luz,
Faz com que a guerra se acabe na terra,
E haja entre os homens a paz de Jesus!

2
Se em Teu regaço, bendita Mãe,
Toda amargura remédio tem:
As nossas almas pedem que vás,
Junto da guerra, fazer a paz!

3
Pelas crianças, flor's em botão,
Pelos velhinhos, sem lar, nem pão,
Pelos soldados que à guerra vão,
Senhora, escuta a nossa oração!

4
Virgem sob'rana e Mãe de Deus,
Ouvi as preces dos filhos Teus,
E lá do Céu vem nos valer,
A paz de Deus vem nos trazer!

"Rezem o terço, todos os dias,
para alcançarem a paz para o mundo
e o fim da guerra"

Memórias da Irmã Lúcia, 13 de maio 1917

A viagem para Praga

A estória da imagem do Menino Jesus de Praga não é tão lenda assim. Que a primeira imagem é de cera, isso é verdade; bastará ir a Praga confirmá-lo. Que a origem da imagem seja do sul da Ibéria, é bastante seguro. Que ela tenha surgido como narrámos no texto anterior não é tão seguro; mas é muito bela a verdade que ali se encerra: todos temos de ir trilhando o caminho da perfeição até alcançarmos a estatura de Cristo. Se o nosso modelo é Jesus pequenino, tal é belo e santo; mas não se creia seja menos difícil de imitar o Jesus menino que o Jesus adulto!
Aquele texto terminava com um monge sorrindo; apesar de morto, sorria: pudera, alcançara por fim a perfeição do Paraíso! Sobressalta-nos, porém, a pergunta: e como chegou a imagem de cera do Menino Jesus de Praga à cidade de Praga?

Folheemos o velho livro de crónicas descoberto na cave de um alfarrabista de Amesterdão. Rezam as páginas desse venerável livro que, anos mais tarde, a milagrosa imagem do Menino Jesus Rei chegara, às mãos devotas de Santa Teresa de Jesus. Sempre fascinada por Jesus, Santa Teresa tinha especial devoção – aquela mesma que ensinou a seus filhos e filhas Carmelitas – pela Santa Infância do Redentor, pois que sempre tributou ao Menino Jesus especialíssima devoção!

Conta-se ainda naquele livro, que em 1547 desceu às Espanhas uma majestosa embaixada do Imperador Maximiliano da Boémia, a fim de lhe conduzir sua noiva e futura consorte, a Infanta Maria, filha de Carlos V. Conta-se também que naquela embaixada se incluía Vratislao de Pernstyn, jovem valoroso e nobre, que se prendou de Dª Maria Manríquez de Lara, dama de corte da futura Imperatriz Maria. Ao saber Teresa de Jesus dos desposórios da sua amiga Maria Manríquez de Lara com o nobre boémio, ofereceu-lhe como prenda de casamento o seu Menino Jesus Rei! E eis, assim, que a embaixada do reino da Boémia ao abandonar a Península ia bem mais rica: levava não só a futura Imperatriz da Boémia, suas damas, conselheiros e dote, bem como uma nova família, e ainda a imagem do Divino Infante, que meses mais tarde presidiria ao solar da família de Pernstyn, e que haveria de testemunhar e abençoar não só os desposórios do Imperador Maximiliano e a Imperatriz Maria, mas muitos sucessos daquela bem-aventurada nação.

A história, como se vê, tem os seus quês; e mesmo que os seus caminhos sejam ínvios ou mal-acabados, no seu decurso Deus encontra sempre formas singelas para fazer chegar a Sua bênção poderosa a todas as nações e povos.

Como chegou o Menino Jesus Rei a Praga, capital do reino da Boémia? Chegou, Deus seja bendito, no enxoval de uma jovem e bela esposa andaluza, amorosamente desposada por um nobre checo. Aquele foi um matrimónio fecundo, fiel a Deus, ao seu rei e a seu povo, visto que o Conde Vratislao de Pernstyn foi, entretanto, escolhido para Chanceler do Reino. A família viveu, primeiramente, no castelo de Litomyisl, e o Menino Jesus Rei, ali reinou, desde a capela, onde era devotamente venerado por todos. Vinte filhos nasceram a Vratislao e Maria, dos quais sobreviveram sete, e de entre as cinco meninas, a mãe Dª Maria preferia a filha Polyxena, que muito se lhe parecia em virtudes. À morte de seu amado marido Vratislao, Dª Maria de Pernstyn mudou de residência e fixou-se com os filhos no castelo da

família em Praga. Ali os educou na fé católica, que por aquelas terras não era universal, pois que com ela concorria belicosamente a protestante. Em razão da sua educação na fé, a princesa Polyxena, tal como sua mãe Dª Maria Manríquez de Lara, ficarão na história da Boémia e são hoje recordadas como defensoras do catolicismo checo.

Ao casar-se Polyxena com Guilherme de Rosenberg, sua mãe ofereceu-lhe o seu maior tesoiro – a imagem do Pequeno Rei, que tanto a consolara na sua vida de esposa, mãe e viúva! Em breve, também ela ficará viúva, e à morte de seu segundo esposo – Zdenek de Lobkowitz – a princesa Polyxena de Lobkowitz entregará ao Prior do Carmo, a imagem do Menino Jesus Rei, que há tantos anos era cidadão e rei de Praga, cobrindo de bênçãos quem tão porfiadamente a Ele recorria e se confiava.

E eis que a imagem de Córdova (Espanha) chegou a Praga (reino da Boémia); das mãos de Santa Teresa de Jesus às de um dos seus filhos – Frei João Luis da Ascensão, Prior do Carmo de Praga.

Estamos, portanto, em 1628, quando a princesa Polyxena de Lobkowitz aproximando-se do pobre Convento do Carmo entregou ao seu Prior a imagem de um Menino Jesus Rei, de traços gitanos, olhos vivos, cabelos negros e alguns loiros. E entregando-lhe a preciosa oferta, lhe diz: «*Aqui lhe trago, Padre, e lhe ofereço o que mais amo no mundo. Honrai muito este Menino Jesus e nada vos faltará!*».

Claro que a imagem existe e ainda é venerada na Igreja de Nossa Senhora da Vitória; tem 48 cm de altura sobre um pedestal de nove. Apresenta-se coroada e vestida de rei; a mão direita está levantada para abençoar ao estilo papal, e na esquerda sustenta o mundo encimado por uma cruz.

Bodas de ouro sacerdotais

No dia 24 de Setembro de 1938, Custódio José de Brito e Inês Vaz exultaram de alegria com o nascimento do seu primeiro filho: o Manuel de Jesus Vaz de Brito. E naquela casa da Rua Nova de São Bento, na freguesia de Santa Maria Maior, em Viana do Castelo, mais seis irmãos bateram à porta: o José Maria, a Justina, a Glória, a Margarida, o João de Deus e o Tadeu. Desde muito cedo, começou a lidar com os Carmelitas Descalços, na Igreja do Carmo. Em Outubro de 1953 começava a sua carreira eclesiástica, dando entrada no Seminário Diocesano de Braga. Ele queria ser Carmelita, mas naquela tenra idade imperou a vontade dos pais. No entanto, como "querer é poder", em Outubro de 1961, já com barba refilona, decidiu por si próprio entrar no Noviciado dos Padres Carmelitas Descalços, em Avessadas, Marco de Canaveses. Junto do Menino Jesus de Praga fez a sua profissão religiosa temporária com o nome de Frei Manuel Brito do Menino Jesus. Após o noviciado, seguiu para Espanha a fim de estudar filosofia (Vitória) e teologia (Bilbao). A 11 de Março de 1966 fez a sua profissão solene em Bilbao, e, na mesma cidade do País Basco, foi ordenado sacerdote no dia 10 de Setembro de 1967. Regressado a Portugal, passou os primeiros anos da sua vida sacerdotal dedicado à formação dos seminaristas carmelitas em Viana do Castelo e no Porto. De 1977 a 1980 exerceu o cargo de Vigário Provincial. Nunca descurou a sua formação permanente e, por isso, voltou às carteiras do Instituto de Vida Consagrada (Madrid) e do Instituto Internacional de Espiritualidade (Ávila).

O Padre Manuel Brito e os estudantes carmelitas descalços no dia da sua festa

O Padre Manuel Brito é um dom de Deus à família, à Igreja e à Ordem do Carmelo Descalço. O Carmelo português deve-lhe momentos importantes da sua história: a renovação na forma de educar para a vida religiosa, a identidade com o carisma em tempos de mudanças rápidas e profundas e o testemunho permanente de um frade feliz na sua vocação. Nele habita a sabedoria do silêncio e a eloquência da escuta. Todos os dias oferece aos seus irmãos de comunidade a serenidade e a paz que recolhe na fidelidade à oração.

No passado dia 10 de Setembro, a família do Padre Brito e os Carmelitas Descalços reuniram-se em alegre convívio, no Santuário do Menino Jesus de Praga, para agradecer a Deus o dom da vocação religiosa e ao festejado o testemunho da perseverança e da fidelidade. Muito obrigado, Frei Manuel Brito do Menino Jesus, e muitos parabéns pelos 50 anos de sacerdócio!

Ensina-se a rezar, rezando!

... Em minha casa recitávamos todos os dias a oração da noite. As orações eram entoadas pela minha irmã, que acelerava o ritmo e saltava palavras para abreviar o tempo, até que o meu pai intervinha intimando-a a recomeçar desde o princípio. Aprendi então que com Deus é preciso falar devagar, com seriedade e com delicadeza.

Guardo também na memória a posição do meu pai nesses momentos de oração. Voltava cansado do trabalho no campo e, depois do jantar, ajoelhava-se no chão, apoiava os cotovelos numa cadeira e a cabeça sobre as mãos, sem olhar para nós, e sem qualquer sinal de impaciência.

Pensava então: o meu pai, que é tão forte, que governa a casa, que conduz os bois, que não se verga diante dos ricos e dos homens maus..., diante de Deus torna-se como uma criança. Como ele muda quando começa a falar com Ele! Se o meu pai se põe de joelhos é porque Ele deve ser muito grande! Mas deve ser também muito bom, porque podemos falar com Ele sem ter de mudar de roupa. Pelo contrário, nunca vi a minha mãe ajoelhada. Estava demasiado cansada à noite para o fazer. Sentava-se no meio de nós, com o mais pequeno nos braços... Também recitava as orações do princípio ao fim e não parava um instante de olhar para nós, um após outro, fixando os mais pequenos com um olhar mais demorado. Não pronunciava uma palavra nem mesmo quando os mais pequenos a chateavam, ou quando a trovoada se enfurecia por cima da casa ou o gato causava alguns infortúnios. E eu pensava: Se podemos falar com Deus com uma criança nos braços e com o avental posto, então Ele deve ser muito simples! E se a minha mãe quando fala com Ele não presta atenção nem ao gato nem à trovoada, então Deus deve ser uma pessoa muito importante! As mãos do meu pai e os lábios da minha mãe ensinaram-me coisas importantes sobre Deus!

(P. Duval, 1998)

MENINOS DO MENINO JESUS

Senhor,
Vós nos destes estes filhos,
e os deixastes nas nossas mãos
como uma prenda Vossa.
Recebei hoje o nosso gesto de apresentação
para agradecer a vossa bondade.
Eis os nossos filhos!
Olhai para eles
com o Vosso amor de Pai e de Mãe.
Acolhei-os nos Vossos braços carinhosos.
Abri os olhos do seu coração
para que possam conhecer
e seguir Jesus com alegria,
e possam sentir o Vosso carinho e ternura.
Permiti que o Vosso Espírito Santo
habite neles.
Fazei com que O sintam bem dentro de si
e se deixem guiar por Ele
ao longo das suas vidas.
Ajudai-nos também a nós
para que, no seu crescimento de cada dia,
os acompanhemos com as nossas palavras
e, sobretudo, com o exemplo da nossa vida.
Nós vo-lo pedimos por Jesus Cristo,
Vosso Filho e nosso Senhor.
Amén.

PROMOVER A PAZ

Olá queridos amigos: vou perguntar-vos uma coisa:
Que importância têm os outros na vossa vida? Já pensaram nisso?
Vou dar-vos uma oração que resume todo o comportamento cristão de uns para com os outros: faz dela o Lema para a tua vida:

ORAÇÃO PELA PAZ

SENHOR:
Fazei de mim um instrumento da Vossa **PAZ**:
Onde houver ódio, que eu leve o **AMOR**;
Onde houver ofensa, que eu leve o **PERDÃO**;
Onde houver discórdia, que eu leve a **UNIÃO**;
Onde houver dúvida, que eu leve a **FÉ**;
Onde houver erro, que eu leve a **VERDADE**;
Onde houver desespero, que eu leve a **ESPERANÇA**;
Onde houver tristeza, que eu leve a **ALEGRIA**;
Onde houver trevas, que eu leve **a LUZ**.

SENHOR,
Fazei que eu procure mais:
Consolar que ser consolado;
Compreender que ser compreendido;
Amar que ser amado.

POIS É
Dando que se recebe.
É perdoando que se é perdoado.
E é morrendo que se ressuscita
para a Vida Eterna.

E para os mais pequenos:

Também podes promover a **PAZ** à tua volta.
Arruma as tuas coisas para criares bom ambiente à tua volta na sala de aula. **Empresta** alguma coisa a algum amigo que vejas não ter possibilidade de a adquirir. **Alegra-te** com aquilo que os outros têm de bom. **Ajuda** quem precisa.

E agora pinta a teu gosto este desenho tão engraçado:

Deixaram-nos muito de si!

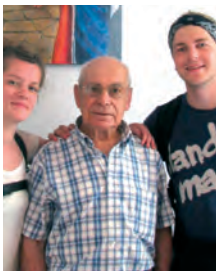
José Tavares Pais
N. 18.11.1947
F. 08.08.2017
Algeraz (Nelas)

Antoine de Saint-Exupéry afirmou que "aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si e levam um pouco de nós". No enredo das relações entre as pessoas há sempre uma troca e uma dádiva mútua. Ao olhar para trás, estou a ver o momento em que conheci o casal José Tavares e Fátima, aqui no Santuário do Menino Jesus. Depressa me vi diante de dois corações abertos à graça de Deus e à verdadeira amizade. Sempre juntos no trabalho apostólico que desenvolviam na Igreja e na comunidade cristã de Algeraz. Muitas vezes, a comunidade do Menino Jesus recebia a sua visita. Sim, era o Menino que os atraía.

Também de ti, meu amigo Zé, digo que fostes "um trabalhador incansável na vinha do Pai dos céus". De ti recebi a firmeza na fé, a alegria de anunciar Jesus, a tua persistência na catequese e nas visitas aos doentes. Contigo aprendi o valor de rezar sobretudo por quem mais sofre. E, quando a doença te bateu à porta, soubestes estar no Calvário e na Cruz como Jesus.

Dou graças ao Menino Jesus por me ter apresentado este Seu amigo, pois, ao passar por mim, deixou-me, não pouco, mas muito de si.

"Ninguém vai ao Pai senão por mim" (Jo 14, 6). Tu, meu amigo Zé Tavares, que foste um dos grandes amigos de Jesus, intercede por nós junto do Pai. – *Padre Leal*



João Baptista Barroso
N. 04.04.1932
F. 17.08.2017
Meadela (Viana Castelo)

Senhor Barroso, servidor humilde da hospitalidade. Durante 20 anos, de segunda a domingo, foi o rosto da portaria do Carmo. Após a abertura, em 2014, do Albergue de São João da Cruz dos Caminhos, acolhia peregrinos de todas as nações, recebendo-os com mansidão e paciência.

(Recordo-me que um dia disse: estou tão feliz! Recebi 18 peregrinos e até falei com todos! Em que língua, Senhor Barroso? Em espanhol, respondeu. Quando o Superior cumprimentou os espanholitos verificou que eram todos alemães e polacos, e não falavam castelhano…)

Nos últimos tempos as forças começaram a faltar. Ainda que se visse obrigado a algumas ausências, voltava sempre ao silêncio do Carmo e ao serviço da portaria e dos peregrinos de Santiago. Certo dia confidenciou-me que não conseguia viver sem o Carmo, ele que trazia em seu peito o Escapulário de Nossa Senhora. Também entre nós ficará sempre conhecido como o hospitaleiro-mor dos hospitaleiros. Recordamos a sua grata presença na última ceia de Natal do Albergue.

Faleceu a 18 de Agosto. O vazio da saudade só será preenchido pela determinação em dar prosseguimento à hospitalidade que ele tão bem servia. Que Deus, na sua infinita bondade, o receba na eternidade, e Nossa Senhora do Carmo o cubra com o seu manto! – *Verónica Parente*

ALGUNS DE MUITOS

1. No dia 17 de Julho, a família Feliz Pereira, Benvinda Oliveira, Vasco Pereira e Guilherme Pereira, residentes em Cabanas de Viriato, rumaram ao Menino Jesus para agradecer e pedir saúde pelos doentes amigos. Connosco a afilhada Margarida Sá e a Jovem mãe, Sílvia Cardoso Valente com suas filhinhas Leticia e Matilde, que receberam a bênção do Menino.

2. No dia 28 de Julho, o Lar Paroquial e Social de S. Martinho de Bougado (Trofa) veio ao Santuário rezar e conviver. O pároco, Padre Luciano, e o capelão do Lar, Padre Gaspar, estiveram presentes para alegria dos utentes e do Menino Jesus. Tudo foi muito bem preparado antecipadamente e a Dª Maria Leonor Barros demonstrou a competência de voluntária. A Eucaristia, precedida de procissão, foi uma beleza entranhável de ternura divina e consolação humana.

3. A Comunidade do Carmelo Secular (Paço d'Arcos/Lisboa) organizou nos dias 22 e 23 de Julho uma peregrinação ao Santuário do Menino Jesus. Já não íamos lá há 6 anos e as saudades eram muitas! O ponto alto foi a Missa das Bênçãos com 17 grávidas a receber a bênção dos seus bebés escondidos, embora bem visíveis, a bênção de 19 bebés recém-nascidos ao colo de mães e pais, e finalmente a bênção das crianças mais crescidas. Enquanto houver o Santuário do Menino Jesus, Portugal não acaba!

4. Era o dia 30 de Agosto. De madrugada, para fugir ao calor do dia, a Rosa Aires (ao centro) pôs-se a caminho do Santuário do Menino Jesus, acompanhada pelo marido e um grupo de jovens. De São Paio de Favões a Avessadas são 8 Kms. A chegada foi vitoriosa e sorridente. Tudo estava cumprido. A razão da vinda está no interior e na fé dos peregrinos. O Menino Jesus soube ler os seus corações e nós apreciamos o testemunho de quem faz o que decide fazer.

OBRIGADO, MENINO JESUS

ALFELOAS E CANTANHEDE: Peregrinos. ALBERGARIA-A-VELHA: Maria Isabel Henriques Silva Pedro. ALMANCIL: Margarita Simões Casas. AMADORA: Maria Odete Pereira Honrado. ARCOZELO VNG: Maria Adelaide Branco Xavier. AVEIRO: Maria Guiomar Pinto Rolo Ferreira. BRAGA: Maria Luísa Baptista Rodrigues. BRASIL: António Joaquim Almeida Neves Magalhães. CACIA: Maria da Glória da Silva Teixeira. CANADÁ: Clara Martinho Rendeiro. Leonor Benevides. CASTRO D'AIRE: Maria Eugénia Ferreira da Silva. DELÃES: Capelinha. ÉVORA: Maria de Fátima Salgueiro Martins dos Santos. FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO: Maria Alice Varges Gomes do Bento. FRANÇA: Aurora Tavares. Manuel Gomes da Silva. INSALDE: José Felino Carneiro da Cunha. LISBOA: António Henrique Figueiredo de Carvalho Neto. Maria Augusta Abranches Gonçalves Santos. Maria Gracinda Páscoa Abranches Pinto. MACEDO DE CAVALEIROS: Rute da Conceição Teixeira. MATOSINHOS: Alice Mira Lopes. NELAS: Peregrinos de Nelas da Zeladora Maria de Fátima Pinto Tavares. ODIVELAS: Almerinda Marques Alves Loureiro. PAIÃO: Maria Lúcia Caeiro Silva. PORTALEGRE: Adelina Mata Garção. Maria da Cruz Silva Marchão Laranjeira. QUINTA DO CONDE: Belmira Maria de Sousa Pereira. REGUENGO DO FETAL: Emília do Espírito Santo Neto. SÃO DOMINGOS DE RANA: Francisco Sequeira Cardoso e Oliveira. SUÍÇA: João Pinto Monteiro. VÁRZEA DE OVELHA E ALIVIADA: José Manuel da Silva Teixeira. VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO: Maria Clara Ferreira Leiria Sabino.

Domingo das Bênçãos

É o Domingo mais perto
do dia 25 de cada mês.

11:30h > Missa com a Bênçãos das
grávidas,
bébés de colo,
crianças,
e veículos (parque)

15:00h > Recitação da coroinha e procissão pelos claustros.

NOVOS ASSINANTES

ALFENA: Ermelinda Pereira. BAIÃO: Ana Rita Rodrigues. BICO: Diana Dores Araújo. BRAGA: Ana Pereira. CABEÇA SANTA: Paulo Rui Silva. CARCAVELOS: Mariana Conceição Barão. CARREGAL SAL: Mª Augusta Nogueira. Mª Cândida Lobo. CASCAIS: Mª Filomena Lemos. CONSTANCE: Abílio Castro. CRISTELO: Mª Fátima Santos. ESTORIL: Mª Conceição Sacadura. FRANÇA: Teresa Rodrigues. FUNCHAL: Augusta Ponte. Ilda Vieira. Mª Fátima Abreu. Mª Irene Alves. LISBOA: Palmira Pinto. MANHUNCELOS: Mª Helena Ferreira. MARTIM: Teresa Jesus Sousa. MILHEIRÓS POIARES: Ana Paula Azevedo. PAÇOS FERREIRA: Mª Alzira Brito. PAREDES: Joaquim Teixeira. PEDROUÇOS: Alzira Silva. PORTALEGRE: Ana Santos. Mª Lurdes Delgado. PORTO: Mª Eugénia Oliveira. PORTO FORMOSO: Mª Alice Branco. S. CRISTOVÃO NOG.: Regina Amaral. SERZEDO: Mª Carmo Fontão. V. B. BISPO: Idalina Encarnação Pereira. V. DE PRADO: José Manuel Araújo.

Colabore na angariação de novos assinantes do Mensageiro do Menino Jesus de Praga. Se uns partem, outros devem chegar. Se desejar ser Zelador(a) do Menino Jesus, envie-nos a sua direcção.

D. António Francisco dos Santos

A incredulidade na notícia chegada era mesmo a de um 11 de Setembro: o D. António Francisco, Bispo do Porto, morreu. E aqui estamos nós, um pouco tristes, mesmo assim nem sequer muito tristes, por causa do que nós perdemos, porque uma amizade como a dele não se perde. Obrigado bom amigo. Ficarás para sempre no nosso coração.

SENHORA DO CARMO

Ó bem-aventurada e Imaculada Virgem Maria, glória e formosura do Carmelo! Vós olhais com um carinho especial, para os que trazem o vosso santo hábito, a medalha ou o Escapulário do Carmo. Dignai-Vos lançar sobre mim o vosso olhar bondoso e cobrir-me com o manto da vossa protecção maternal.

Fortificai a minha fraqueza com o vosso poder. Iluminai a minha inteligência e a minha vontade com a vossa sabedoria. Aumentai na minha vida a fé, a esperança e o amor. Adornai a minha alma com as virtudes que Vos agradam. Tornai-me agradável a vossos olhos e aos olhos do vosso Filho Jesus Cristo, nosso irmão.

Assisti-me e protegei-me na vida, consolai-me com a vossa presença nas horas tristes e difíceis. Ensinai-me o caminho para Deus, conduzi-me na vida e depois da morte levai-me ao seio feliz da Santíssima Trindade onde convosco louvarei, cantarei e serei feliz para sempre.

Amen.

CONSAGRAÇÃO

AO MENINO JESUS DE PRAGA

Divino Menino Jesus, Senhor da minha vida, eu Vos ofereço todo o meu ser e me consagro a Vós, para o presente e para o futuro: recebei a minha alma e enchei-a com o vosso amor; acolhei o meu coração e guardai-o junto do vosso; guardai a minha boca e fazei da minha vida um louvor; sede a luz dos meus olhos e iluminai os meus passos; falai aos meus ouvidos e convertei o meu coração; estendei a vossa mão e amparai a minha vida; escutai o meu pensar e seja feita a vossa vontade; vede a cruz da minha vida e vinde em meu auxílio; consolai-me na tristeza e abençoai-me na alegria; aliviai-me na doença e conservai-me em saúde.

Consagro-me ao vosso serviço nas coisas do Pai para estar vigilante nas boas obras. Fazei que eu me perca só em Vós e me encontrem sempre os que Vos procuram. E quando chegar a minha hora concedei-me, Jesus bendito, o conforto da Virgem Mãe para que, vencida a morte, triunfe a vida e se estabeleça para sempre o vosso reino de paz e de amor.

Amen.

Esta imagem do Menino Jesus de Praga, enviada por Carlos Silveira, encontra-se no Santuário Diocesano de Nossa Senhora dos Milagres, freguesia da Serreta, Ilha Terceira, Açores. A imagem foi oferecida por um casal de emigrantes – *Evangelina e Serafim Carvalho* – no fim dos anos 60 ou princípios de 70. No dia da festa do Sagrado Coração de Jesus, quando a procissão passou junto da casa do casal benfeitor, a imagem do Menino Jesus de Praga, levada por quatro jovens, foi incorporada na procissão até à igreja e colocada no altar lateral esquerdo onde se encontra até hoje.